

LUDOVICO ARIOSTO

ORLANDO FURIOSO



cavalo de ferro

INTRODUÇÃO

Ludovico Ariosto: a vida, o tempo, a obra

O autor do *Orlando Furioso* nasceu a 8 de Setembro de 1474 em Reggio nell'Emilia, sendo o primeiro dos dez filhos de Nicolò Ariosto, pertencente a uma família bolonhesa nobre, e de Daria Malaguzzi Valeri, senhora da alta nobreza de Reggio. Na altura, o conde Nicolò era comandante da guarnição da fortaleza de Reggio, ao serviço de Ercole I d'Este. Nessa cidade, e quase inteiramente dentro das muralhas da fortaleza, decorre a infância de Ludovico até 1484, ano em que seu pai é chamado a ocupar outros cargos em Ferrara, para onde a família se muda, ocupando uma casa em que o poeta viveria até 1529.

Em Ferrara, Ludovico inicia os seus estudos de Latim e Grego, com preceptores, o primeiro dos quais foi Domenico Catabene. Entre 1489 e 1494 frequenta, por vontade paterna, o curso de Direito no *Studio* de Ferrara, mas consegue por fim sensibilizar o pai para a sua verdadeira vocação. Abandonando o Direito, dedica-se aos estudos literários com o humanista Gregorio da Spoleto, homem de grande saber em quem Ariosto encontra o mestre que ambicionava, e não só: «Deu-me mais que o meu próprio pai, pois ensinou-me a viver com nobreza, enquanto meu pai apenas me ensinou a viver entre os mortais» — escreveu numa sua ode latina, em 1503.

Em 1498 entra ao serviço de Ercole I, e frequenta as aulas do filósofo Sebastiano dell'Aquila. Além das poesias líricas, epigramas e elegias em latim, e das *Rime* em vulgar, de inspiração petrarquista, que compôs na idade juvenil, começa também a escrever comédias para a companhia de teatro de Ercole I.

O teatro tinha lugar de relevo na corte de Ferrara. Alguns dos primeiros contributos de Ariosto para as artes cénicas são *Tragedia di Tisbe*, *La Cassaria* e *I Suppositi*. Muitos anos mais tarde voltaria à comédia, com as peças *Lena* (1528) e *Il Negromante* (1529).

Em Fevereiro de 1500, a vida de Ludovico, até aí despreocupada, é abalada por um acontecimento que a condiciona de modo drástico: a morte de seu pai. As responsabilidades que caem sobre os ombros do primogénito são tremendas. Tem de prover ao sustento da numerosa família administrando uma situação económica periclitante, e procurar orientação e encaminhamento profissional para os irmãos e dotes para casar as irmãs;

assume a tutela dos irmãos, ainda menores, e atravessa uma série interminável de acções judiciais por questões de herança.

Entre 1501 e 1503 exerce o cargo de capitão da guarnição da fortaleza de Canossa, cargo que requereu por razões económicas. Da fortaleza, situada em lugar ermo nas montanhas a sudeste de Parma, deslocava-se a Reggio para receber o estipêndio e visitar os parentes maternos.

Em Outubro de 1503 regressa de Canossa, e entra ao serviço da faustosa corte do cardeal Ippolito d'Este, ao qual ficaria ligado até 1517. Para poder auferir de benefícios concedidos pelo Cardeal (rendas de paróquias), Ariosto toma ordens religiosas menores, sem que isso implique o exercício de funções pastorais, pois não pretende seguir a carreira eclesiástica.

Nesse mesmo ano nasce um seu filho natural, Giovambattista, de cuja mãe se conhece apenas o primeiro nome, Maria.

Em 1509 nascer-lhe-ia outro filho ilegítimo, Virginio, da sua relação com Orsolina Sassomarinio. Este filho foi muito caro a Ariosto, que o perfilhou e cujos estudos orientou, e que teve sempre junto de si.

Os seus deveres de cortesão estavam longe de se limitar aos de natureza cultural, através das comédias que escrevia para o teatro da corte e que lhe granjeavam algum prestígio, pois as funções de um «familiar» incluíam tarefas muito triviais e, não raro, desagradáveis. Era constantemente encarregado de missões diplomáticas de grande responsabilidade, algumas delas bastante delicadas, como as que o obrigavam a deslocar-se em longas viagens a Roma, para resolver ou mediar questões belicosas entre Ippolito d'Este e o papa Júlio II, e atritos nascidos do difícil relacionamento do ducado de Ferrara com o Papa. Consta que este uma vez ameaçou mandar atirá-lo ao Tibre se não lhe desaparecesse imediatamente da vista.

Além dos perigos a que estava sujeito nessas longas e urgentes viagens a cavalo, a Roma e a várias outras cidades, era chamado a desempenhar tarefas de camareiro, mordomo ou moço de recados, de que muito se lamentava, concretamente nas suas sátiras.

Foram anos difíceis, ressentindo-se sempre de ser afastado do lar e da tranquilidade que lhe permitiria dedicar-se à escrita, mas encontrou, mesmo assim, tempo e concentração para escrever, além do *Orlando Furioso*, as comédias, a poesia lírica e as sátiras. Considerava que a sua obra era o *Furioso*, tendo descurado a publicação do restante, que deixou em manuscritos dispersos.

Das suas obras menores, as *Satire* são, sem dúvida, as mais interessantes. Em número de sete, são compostas em tercetos e têm forma epistolar, dirigindo-se o poeta a familiares e amigos com quem discorre sobre factos concretos da sua vida ou sobre os seus estados de alma, evoca recordações pessoais ou caricaturiza alguém, e em que por vezes se lamenta, com desilusão ou com humor, do pouco reconhecimento que recebe ou da falta de liberdade para se dedicar à literatura. Foram compostas entre 1517 e 1525.

No Outono de 1515, Ludovico decidiu dar o seu poema à estampa: entregou o manuscrito a Giovanni Mazzoco, de Bondeno (cidade próxima de Ferrara), de cuja tipografia saiu em Abril de 1516, a expensas do autor, com excepção do papel, provido pelo Cardeal. Compunha-se de quarenta cantos e era dedicado a Ippolito d'Este, o qual não daria o devido apreço à obra do seu cortesão, que, em vez de louvores, recebeu dele, dias depois, a pergunta: «*Messer Ludovico, dove mai avete trovato tante corbellerie?*» («Senhor Ludovico, onde é que foi buscar tantos disparates?»). A obra, porém, conheceu um sucesso imediato em todas as cortes italianas, tendo em poucos anos saído da esfera aristocrática e conquistado público de todos os estratos sociais.

Em 1517, as relações entre Ippolito d'Este e Ariosto conheceram um corte definitivo. Em Agosto, o Cardeal decide partir para a Hungria, onde tinha um bispado, ordenando a Ariosto que o acompanhasse. Ludovico recusa-se a fazê-lo, alegando motivos de saúde – bronquite e problemas de estômago – susceptíveis de se agravarem com a longa viagem e a transição climática. Foi a rotura total. Ippolito não aceitou a sua justificação e afastou-o do seu serviço, retirando-lhe os honorários e os benefícios eclesiásticos que lhe atribuía.

Por intercedência de Bonaventura Pistofilo, notário e secretário de Alfonso d'Este, em 1518 Ariosto entra ao serviço deste. Conforta-o o facto de o duque o desviar menos de Ferrara, o que lhe permite dedicar-se mais à sua obra literária e não se afastar do convívio de Alessandra Benucci, como confessa na *Satira III*, composta em Maio desse ano:

*Il servizio del Duca, da ogni parte
che ci sia buona, più mi piace in questa:
che dal nido natio raro si parte.
Per questo i studi miei poco molesta,
né mi toglie onde mai tutto partire
non posso, perché il cor sempre ci resta.¹
(Sat. III, 67-72)*

Ariosto foi sempre muito discreto em relação à sua vida amorosa, mas alguns factos essenciais são conhecidos. A sua relação com Orsolina Sassomarinno, iniciada em 1508, e da qual nascera Virginio no ano seguinte, em 1513 já se esgotara; nessa altura, Ludovico rompeu formalmente a ligação, porque se enamorara daquela a quem se uniria sentimentalmente para o resto da vida. Quis, no entanto, dar uma posição digna à mãe do seu filho, à qual nunca dedicou um único verso: arranjou-lhe marido e comprou-lhe uma casa, que até mobiliou, arrumando assim de forma prática e generosa a situação.

Alessandra Benucci, florentina, era mulher de Tito Strozzi, importante mercador da família dos banqueiros Strozzi, de Florença, mas que habitavam em Ferrara, cuja corte frequentavam, participando dos jantares, bailes e outros divertimentos, em que Alessandra

era admirada como a mais bela entre as belas. Ariosto conheceu-a, pois, nesses ambientes, e a admiração que ela lhe suscitava transformou-se em enamoramento. Em Junho de 1513, no dia de São João, o poeta estava em Florença para assistir aos festejos daquela cidade, sendo hóspede de Niccolò Vespucci, amigo do cardeal Ippolito. Alessandra chegou com o marido para as festas, sendo hóspedes da mesma casa. Nesse dia, Ludovico declarou o seu amor à mulher que exercia sobre ele o fascínio de uma revelação, como diz na sua canção *Non so s'io ben potei chiudere in rima*².

Teve início entre eles uma relação secreta, mas que havia de perdurar para sempre. Tito Strozzi morreu repentinamente em 1515, mas, apesar de Alessandra ficar assim livre para casar com Ariosto, ambos decidiram não o fazer, preferindo conservar as vantagens que o celibato lhes garantia. Alessandra, casando de novo, perderia o usufruto dos bens do marido e a tutela dos filhos, que eram seis. E Ludovico não podia renunciar de ânimo leve aos benefícios que adquirira em 1503, ao tomar as ordens menores. Vivia cada um na sua casa, em Ferrara, sem nunca terem coabitado. Numa sua elegia, Ariosto dá-nos conta das cautelas a que era forçado para se introduzir furtivamente em casa de Alessandra:

Or mi levo, or m'accosto, or fuggo or torno,

*Tutto nel manto ascoso, a capo basso,
vo per entrar; poi veggio appresso o sento
chi può vedermi, e m'allontano e passo.*

*Che debb'io far? che poss'io far tra cento
occhi, e fra tanti usci e finestre aperte?*³

Só muito mais tarde, numa data imprecisa entre 1528 e 1530, celebraram, secretamente, matrimónio. Nem os cônjuges nem os poucos amigos que terão estado presentes à cerimónia secreta revelaram tal facto, e Ludovico e Alessandra continuaram a viver separadamente.

O *Orlando Furioso*, entretanto, tinha sido continuamente melhorado pelo poeta, que, em Fevereiro de 1521, fez publicar uma segunda edição revista, esta impressa por Giovan Battista da la Pigna. Não sofrendo alterações em conteúdo (tinha os mesmos quarenta cantos), apresentava no entanto enormes melhorias no que respeitava à língua, expurgada de expressões dialectais regionais, de arcaísmos e latinismos, muito mais elegante e límpida do que a da primeira versão da obra, acompanhando os cânones renascentistas. Deixava já prenunciar a perfeição que viria a observar-se na última edição que o autor faria publicar. Desta segunda edição fizeram-se inúmeras reimpressões, mas sem quaisquer alterações ao texto.

Em finais de 1521 Ferrara era alvo de novas ameaças de guerra por parte do Papa, e Alfonso d'Este tomou providências, recrutando exércitos e reforçando fortificações,

despesas que o obrigaram a cortar nos gastos menos importantes, considerando supérfluos os estipêndios de alguns cortesãos, entre os quais Ariosto. Ludovico começou a recear pelo seu futuro e, em Fevereiro de 1522, disse ao duque que, caso não provesse às suas necessidades, não podia levar a mal que ele procurasse o sustento noutro lado. É então que Alfonso lhe propõe o cargo de governador da província da Garfagnana, que ele não tem coragem de recusar, compelido pela necessidade. Tratava-se de um território nos confins do ducado, disputado por Florença e Lucca, perdido no meio das gargantas dos Apeninos, onde os conflitos e o banditismo grassavam entre os habitantes. Requeria-se um governador com mão de ferro e um aumento das forças militares. Ariosto sabia que o cargo era difícil e que não se coadunava com o seu temperamento, e pesava-lhe muito afastar-se de casa e de Alessandra, mas os tempos eram maus e os honorários generosos. Assumiu-o, pois, tendo demonstrado dignidade e firmeza no seu desempenho. Depois de uma viagem de vários dias, chega a Castelnuovo di Garfagnana, onde permaneceu até Junho de 1525, fazendo visitas a Ferrara mais ou menos de seis em seis meses, e voltando a partir sempre amargurado pelo afastamento e por não poder levar consigo Alessandra. Nos primeiros meses teve a companhia do filho Virginio. Ali escreveu as *Satire IV, VII e VI*, que reflectem os seus sentimentos e preocupações desses tempos, e continuou, sempre, a «purificar» o *Orlando Furioso*, o que, aliás, faria até ao fim da vida.

As dificuldades de governação que Ludovico enfrentou na Garfagnana foram muitas, e não encontravam respostas eficazes nas directivas do duque, que não atendia as suas sugestões e pedidos nem colmatava a escassez de forças da ordem com que lutava. Em 1524, Alfonso propõe-lhe o cargo de seu embaixador oficial em Roma, mas Ariosto recusa. O que mais almejava era a tranquilidade da sua casa, para se dedicar à escrita e estar perto da família e de Alessandra. Em 1525, renuncia de livre vontade ao cargo de governador e regressa a Ferrara. Com as economias que ali fez compra uma casa no bairro de Mirasole, afastada do centro da cidade e com um grande quintal. Dá início a obras de restauro, que ele próprio dirige, dispensando engenheiros e arquitectos. Sobre a fachada da casa lia-se um dístico em latim, que ali fora inscrito pelo anterior proprietário, e que Ariosto conservou: «*Parva, sed apta mihi, sed nulli obnoxia, sed non sordida, / parta meo sed tamen aere domus.*»⁴

Goza finalmente do privilégio de se afastar definitivamente das empresas militares e das missões diplomáticas dos senhores da corte de Ferrara, limitando-se a ser um observador distanciado dos factos, um *outsider* distraidamente atento que observava os homens e as suas proezas e reveses, sem estar neles imiscuído. Nomeado superintendente dos espectáculos da corte por Alfonso I, volta a escrever comédias, ensaia as peças e faz cenografias. Deixou incompleta a comédia *I Studenti*, que foi terminada por seu irmão Gabriele e seu filho Virginio.

O seu cuidado e ocupação maior continuava a ser a revisão do *Furioso*, de que preparava nova edição. Entre 1521 e 1528 escreveu os *Cinque Canti*, cinco novos cantos que planeava acrescentar ao poema, dando-lhe uma conclusão diferente, mas decerto inferiu que

esses novos enredos não se harmonizavam com os restantes, e pô-los de parte. Virgínio encontrou-os após a morte do pai e veio a publicá-los em 1545, em apêndice a uma nova edição da obra.

No início de 1529, Ludovico saiu da companhia dos irmãos e mudou-se para a sua *parva domus* em Mirasole (hoje, na *via Ariosto*), levando consigo apenas Virgínio. Ali viveu os seus últimos anos, dispondo livremente do tempo, que dividia entre a actividade teatral na corte, os estudos, a jardinagem e, evidentemente, a pertinaz revisão da sua obra.

Alfonso d'Este chamava-o à corte de vez em quando para conversar com ele, ou para o acompanhar em alguma deslocação, pois era-lhe grato mostrar-se na companhia do grande poeta, que tanto brilho dava à sua corte. A obra de Ariosto era conhecida e apreciada através da Europa, a sua fama corria mundo.

Em Outubro de 1531, Alfonso d'Este envia Ariosto a Correggio a fim de sondar as intenções de Alfonso d'Avalos, marquês do Vasto, que tem ali as suas tropas estacionadas. As notícias que traz ao duque são tranquilizadoras, e, além disso, o marquês atribuiu ao poeta uma pensão anual de cem ducados de ouro, transmissível aos herdeiros, que lhe permitiu viver mais desafogadamente os seus derradeiros anos.

Em Outubro de 1532 sai da tipografia de Francesco Rosso da Valenza, em Ferrara, a terceira edição, revista, do *Orlando Furioso*, ampliada para quarenta e seis cantos (compreendendo 4842 oitavas, quase 40 mil versos). Quando pôs de parte os *Cinque Canti*, Ariosto decidiu, em vez de acrescê-los ao poema, ampliar este no seu interior, inserindo novos episódios que se integravam nos já existentes. Assim, esta terceira edição tinha como novidade, em relação aos quarenta cantos das duas anteriores, os episódios de Olimpia, do Castelo de Tristão, de Marganor, de Leone, e, ainda, a menção às personalidades ilustres suas contemporâneas, que comparecem no último canto a aguardar, no cais, a chegada do «navio», metáfora do poema. Ariosto tencionava ampliar ainda mais a sua obra-prima, conforme declarou a amigos, na edição seguinte, que já projectava; a vida, porém, não lhe deu tempo de o fazer.

Em Dezembro de 1532, pouco depois de regressar de uma viagem a Mântua com o duque para cumprimentar Carlos V, que ia encontrar-se com o Papa em Roma, Ludovico adoece com enterite.

Depois de quase sete meses de doença, sobrevêm-lhe complicações pulmonares e morre a 6 de Julho de 1533, na sua casa, com a idade de 58 anos. No dia seguinte, ao entardecer, o féretro é transportado para o mosteiro de San Benedetto, onde é sepultado com a maior simplicidade. A notícia da sua morte só corre pela cidade nos dias que se seguem. Actualmente, o mausoléu com as suas ossadas encontra-se na Biblioteca Comunale Ariostea, em Ferrara, para onde foram transferidas por iniciativa do general francês Miollis, em 1801, quando da ocupação napoleónica da Itália.

O *Orlando Furioso*

Em 1486 foram publicados, em Veneza, os dois primeiros Livros do poema *Orlando Innamorato*, do conde Matteo Maria Boiardo. O então adolescente Ludovico Ariosto, impressionado com a obra, começou a dedicar-se à leitura e estudo de histórias de cavalaria, matéria que estava na génese da obra de Boiardo, e quando este morreu, em 1494, deixando a obra interrompida no Canto IX do Livro III, Ludovico alimentou a intenção de lhe dar continuidade. Não se sabe ao certo quando começou a fazê-lo, mas há indicações de que em 1504 o trabalho já estava iniciado.

Ariosto retomou as personagens e as respectivas aventuras no ponto exacto em que Boiardo as deixara suspensas, e incutiu-lhes de novo movimento. Contudo, esse novo movimento revelou-se muito mais fluido e elegante, percebendo-se, desde a primeira edição, que o *Orlando Furioso*, laborando embora na mesma matéria de uma interminável cadeia de romances cavaleirescos, e tendo como antecessores mais directos no espaço italiano *Morgante Maggiore* (1483), do florentino Luigi Pulci, que parodia as canções de gesta, e o já referido poema de Boiardo, era uma obra original. Ludovico, com a sua extraordinária fantasia, dera uma outra fisionomia às personagens, mais de acordo com a sensibilidade e o gosto renascentistas. O mundo cavaleiresco perdia os seus contornos rígidos e passava a ser um cenário de fundo para figuras que exprimiam livremente toda a diversidade e contrastes de sentimentos e comportamentos próprios da natureza humana, sem excluir a nota dissonante da loucura.

Mas a novidade da obra não ficava por aí. Ariosto, em relação aos dois antecessores citados, burilara a língua com um cuidado e uma perícia que a colocavam a grande distância da linguagem áspera, rude e pouco maleável de Pulci e de Boiardo. Numa época em que se buscava, entre tão variados dialectos, um padrão para a língua culta italiana, Ariosto quis imprimir à sua obra a evolução linguística teorizada por Pietro Bembo, que tinha como modelo o toscano de Trezentos, de Petrarca e Boccaccio, acompanhando assim a fixação do florentino como língua literária, e sendo o primeiro a usá-la numa obra de grande fôlego. Seguindo essa linha e a teoria de Bembo, também difusor do petrarquismo como modelo lírico, o estilo de Petrarca está visivelmente presente no *Orlando Furioso*, na reprodução de palavras e versos, na sintaxe, na descrição de paisagens e figuras femininas, etc.

A *ottava rima*, modelo de estrofe usado pela primeira vez por Boccaccio na *Teseida* (1340), adquire em Ariosto uma fluidez e uma musicalidade novas, e um ritmo propulsor que impele a narrativa. Narrativa que é feita com uma grande mestria, num movimento incessante em que estão sempre presentes a malícia, o bom humor e a ironia de um narrador que não quer ser tomado muito a sério e que é o primeiro a divertir-se com a história, fazendo frequentes comentários acerca daquilo que está a escrever, ou considerações que atestam o seu conhecimento dos factos e dos sentimentos humanos. Salta de um episódio a outro em momentos de maior *suspense*, ironiza acerca da credibilidade de quanto narra,

Paris encontra-se cercada pelo exército infiel do rei sarraceno Agramante e seus temíveis aliados; um deles, o feroz Rodomonte, lança morte e destruição na cidade. Enquanto o sábio Carlos Magno reúne os seus valorosos paladinos para a batalha decisiva entre os dois exércitos, uma única pergunta aflora ao espírito de todos: onde pára Orlando, o mais célebre herói da cristandade? Após um sem-fim de magníficos feitos, o valoroso guerreiro de alma pura enlouqueceu por amor à formosa Angelica. Orlando perdeu o seu juízo e tornou-se um *furioso*, destruindo com força bruta tudo à sua passagem. A última esperança de Carlos Magno é que se encontre um remédio para a loucura do seu cavaleiro.

Livro de leitura obrigatória ao longo dos séculos, puro divertimento na sofisticada corte renascentista dos Este de Ferrara, para a qual foi escrito por Ludovico Ariosto, na sua versão final, em 1532; com a sua fina ironia e o desprezo pelas convenções, os seus encontros e desencontros aventureiros, a sua fantasia, *Orlando Furioso* — «poema da acção e do movimento», no dizer de Italo Calvino, que o elegeu como uma das suas obras predilectas — é verdadeiramente um texto revolucionário, aquele que melhor encarnou o novo espírito humanista, lançando a épica romanesca e influenciando obras vindouras, como *Dom Quixote* ou *Os Lusíadas*.

EDIÇÃO INTEGRAL EM RIMA
TRADUÇÃO DE MARGARIDA PERIQUITO
ILUSTRAÇÕES DE GUSTAVE DORÉ



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-571-7



9 789895 895717